

PEDAGOGIA

em Contos

Organizador
Luiz Eduardo Paulino da Silva

ORGANIZADOR

PEDAGOGIA

em Contos

Organizador
Luiz Eduardo Paulino da Silva



João Pessoa, 2026



4.0 Internacional

Esta licença permite o download e o compartilhamento da obra desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es), sem possibilidade de alterá-la ou utilizá-la para fins comerciais.



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA

REITORA

Mary Roberta Meira Marinho

PRÓ-REITORA DE PESQUISA

INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

Deyse Morgana das Neves Correia

PRÓ-REITOR DE ENSINO

Neilor Cesar dos Santos

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA

Maria José Batista Bezerra de Melo

PRÓ-REITORA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

Anna Clara Feliciano Mendonça

PRÓ-REITORA DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

Maria Cleidenedia Moraes Oliveira

DIRETOR EXECUTIVO DA EDITORA IFPB

Carlos Danilo Miranda Regis

DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Regina Anjos

REVISÃO TEXTUAL

Luiz Eduardo Paulino da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha catalográfica elaborada na Editora IFPB por Valmira Perucchi CRB/15 – 240

P371 Pedagogia em contos / Luiz Eduardo Paulino da Silva (Org.). — João Pessoa: Editora IFPB, 2026.

86 p.

ISBN: 978-85-5449-037-9 (Digital)

DOI:

1. Pedagogia. 2. Contos literários. 3. Educação – narrativas. 4. Condição humana. 5. Relações sociais. I. Silva, Luiz Eduardo Paulino da.

CDU: 37:82

Sumário

Apresentação 8

Prefácio 10

A onça e a cutia 12

Juliane dos Santos Oliveira

Mara dos Santos Aniká

O menino João 14

Luane dos Santos Silva

O último relatório 18

Gabryel Cardoso Pavão

Jennyfer Luzia Oliveira Rodrigues

O amor que faltou 22

Franci Mila de Caldas da Silva

Amanda Severa Pinheiro Araújo

A pescaria 26

*Hallem Lucas dos Santos Moraes
Idenilson dos Santos Silva*

A vida de um aluno triste..... 30

*Alcione dos Santos Faria
Rian dos Santos Faria*

A fila do banco 33

*Carla Silva Malaquias
Carlison Silva Malaquias*

O garoto que brincava com meninas 36

Dalmo Alexandre dos Santos

Antônio: uma jornada de superação 38

*Francisca Maciene da Cunha Gomes
Michela do Socorro Farias de Souza*

A escolha certa 43

*Daiane Silva Nunes
Sayonara Nunes Monteiro*

**A menina que não entrou
na escola.....** **47**

Milena de Sales Chaves Sena

**A ética e a moral na
sociedade indígena.....** **50**

Analone Nara Henrique Nunes

Macrivane Alexandre Henrique

A menina Júlia..... **54**

Jonielson Anika Forte

A professora Ana..... **58**

Luan Corrêa Leal

**O médico como guardião
da vida.....** **61**

Emerson Pastana Policarpo

Maely dos Santos Santana

**Pensamentos de
uma garota.....** **65**

Alice Moraes Beserra

Deusanete Azevedo dos Santos

Lucas: o justiceiro 68

Andressa Monteiro Torres

Priscele Iaparrá Teles

Bruna e seu filho Tiago 72

Lizandra Aniká Forte

Ruan Sfair dos Santos

Um pajé na sua comunidade 74

Jardilene Monteiro Narciso

Organizador 77

Prefaciador 78

Autores 79

Apresentação

Pedagogia em Contos é uma coletânea de contos literários e surgiu na disciplina “Ética e Educação”, que faz parte do currículo do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Amapá, no *Campus* Binacional de Oiapoque. A disciplina é, geralmente, ofertada no 5º período e discute temas relacionados aos conceitos de ética, moral, condição humana e a relação entre o homem, o trabalho e a sociedade.

Para compreender a importância da ética, é fundamental refletir sobre o que Mário Sérgio Cortella propõe em nosso cotidiano, auxiliando-nos a reconhecer profundamente três questões: “Quero? Devo? Posso?”. “Pois nem tudo que eu quero eu posso; nem tudo que eu posso eu devo; e nem tudo que eu devo eu quero”. A tranquilidade de espírito é atingida quando nossos desejos estão em perfeita sintonia com as possibilidades de ação existentes e os princípios morais corretos.

A disciplina foi conduzida com base em reflexões, leituras e debates com os acadêmicos, que apreciavam tais ações, bem como as discussões delas resultantes. Os contos emergiram no âmbito da disciplina como resultado de uma atividade avaliativa, mas também da tomada de consciência sobre os regimes ético-morais sob os quais as sociedades estão assentadas. Os acadêmicos foram incentivados a utilizar sua criatividade para elaborar um conto, uma reflexão

ou uma fábula. O escrito poderia ser baseado em fatos reais, fictícios ou inspirados em obras, como livros e filmes, entre outros. A liberdade de escrever refletiu, de algum modo, aquela mesma liberdade necessária ao agir ético.

Durante a disciplina, os alunos desenvolveram seus próprios textos e, em uma roda de conversa, tiveram a oportunidade de ler, comentar e pensar sobre as histórias, tanto as suas quanto as dos colegas. Os acadêmicos leram, individualmente ou em duplas, e participaram de uma reflexão coletiva sobre o contexto absorvido. Durante as apresentações, houve momentos de alegria e tristeza, silêncio e suspiros, muitas emoções, mas principalmente muito afeto. No entanto, em cada narrativa, observamos a presença ou a ausência de valores como ética, educação e moral. Em cada texto há um contexto particular e atual, conectando-nos à nossa realidade ao se considerar sobre o que seria ético.

O título deste livro surgiu em razão de a maioria dos acadêmicos redigirem seus textos na configuração de contos. Contudo, seja conto, reflexão ou fábula, essas narrativas nos conduzem a ponderar sobre a relevância de agir eticamente em uma sociedade na qual essa virtude muitas vezes se encontra ausente. Percebemos que a vida não é feita apenas de palavras, mas também de reflexão e da prática do que aprendemos ao longo do cotidiano.

Prefácio

O convite para prefaciар um livro é sempre um convite para narrar a inquietude provocada pela leitura, para apresentar as correlações que a partir dela são estabelecidas e para tudo o mais que se segue como compromisso assumido pelo prefaciador ante o lido. E neste livro, *Pedagogia em contos*, somos convidados a conhecer a experiência humana materializada na forma de contos literários.

A vida condensada nessas narrativas não apenas nos faz ir além de nós mesmos – o que acontece quando ouvimos, lemos ou contamos histórias –, mas igualmente nos coloca diante do espelho (em um conflito, para melhor descrever), diante do que fazemos com aquilo que Immanuel Kant, no século XVIII, chamou de “razão prática” em suas obras críticas. Os textos aqui coligidos não pretendem discorrer sobre a obra do filósofo alemão. No entanto, por meio da escrita criativa/imaginativa própria da literatura, não escapam de um tema que também é objeto dos questionamentos kantianos: o agir do homem.

Questões dessa natureza e o tratamento literário dado a elas encaminham-nos a outro pensador (também iluminista) do século XVIII, o francês François-Marie Arouet, mais conhecido pelo seu pseudônimo: Voltaire. Esse foi autor de contos que, de certo modo, refletiam muito de sua filosofia. A contística voltairiana é conhecida pelo seu

cunho filosófico e, entre outros assuntos, tematizava um que lhe era muito caro: a liberdade humana.

A proposta do professor Luiz Eduardo Paulino da Silva, idealizador e organizador deste *Pedagogia em contos*, coloca em colisão, em um mesmo espaço (o deste livro), a vida em seus diversos matizes, a “razão prática” da ação do homem e as implicações morais do agir *em* e *com* liberdade. E assim o faz não por meio dos contos filosóficos, como seu antecessor francês, mas por meio do que podemos chamar de *contos pedagógicos*.

O professor Paulino dá, em nossa leitura, continuidade a um projeto que perpassa outra publicação de sua lavra: *Educação e poesia: poetas da harmonia* (EDUEPB, 2023), pela qual desvela a faceta educadora do fazer literário através da poesia. Agora, fá-lo por meio de narrativas, gênero que o acompanha como escritor e acadêmico. E, mais uma vez, Paulino não caminha sozinho. O leitor, aqui, encontra textos de seus alunos/amigos, companheiros de jornada que, como nós, depois desses contos, seguem mais ricos com o amplo horizonte oferecido pelas possíveis relações entre Ética e Educação.

Edilson Alves de Souza

(Professor de Teoria Literária e Literaturas em Língua Portuguesa na UNIFAP)

A onça e a cutia

Juliane dos Santos Oliveira

Mara dos Santos Aniká

Às margens de um rio, rodeada de árvores, estava uma onça deitada, descansando tranquilamente, quando uma cutia, por acidente, passou por cima de seu rosto. A onça, muito irritada, acordou e, com suas garras, segurou a cutia.

A cutia, com muito medo de ser devorada pela onça, começou a implorar pela sua vida, pois sabia que estava correndo perigo. Atarantada e assustada, prometeu à onça que, se a deixasse ir, ela retribuiria aquele ato de bondade.

A onça, mesmo muito irritada, disse:

— Não vou devorar você! Estou de barriga cheia!

A onça largou a cutia, que, ligeiramente, seguiu seu caminho.

Depois de algum tempo, a onça, andando pela floresta, acabou caindo em uma armadilha de caçadores ilegais que capturavam onças para retirar seus dentes para vender. A onça começou a lutar, no intuito de estourar as cordas da armadilha para fugir. Mas as cordas eram resistentes demais.

A onça, vendo que por si só não conseguiria sair, começou a rugir no intuito de atrair algum animal para ajudá-la a fugir. Porém, por se tratar de uma onça, nenhum dos animais que passavam por lá queria ajudá-la.

E nesse dia, felizmente, a mesma cutia que a onça deixou viver passava por lá, e ela reconheceu o rugido que era da mesma onça que tinha poupado sua vida.

A cutia foi até o local para ver o que estava acontecendo e, ao chegar lá, viu que a onça estava presa na armadilha. A cutia não sabia o que fazer, mas lembrou-se que, por ser um animal roedor, poderia roer as cordas e libertar a onça. E assim, roeu as cordas e libertou-a.

Grata e surpresa, a onça disse: “obrigada! Mas, afinal, quem és tu?”. E a cutia respondeu: “sou aquela desastrada cutia que trombou em você há um tempo atrás”. E naquele momento a onça percebeu que os mínimos atos de bondade podem ser retribuídos.

As pessoas recebem o que oferecem, se oferecem bondade, receberão bondade, mas, se oferecem maldade, receberão maldade, pois colhemos o que plantamos.

O menino João

Luane dos Santos Silva

João era um menino esperto, brincalhão, de família humilde e que amava estudar. Ele vivia com seu pai, mãe e dois irmãos em uma casa pequena que não era adequada para todos, pois o tamanho do local era pequeno demais, não tinha energia e as condições de saneamento eram péssimas. O pai de João era um homem trabalhador e fazia o possível para não deixar faltar pelo menos duas refeições ao dia. Trabalhava de sol a sol e fazia de tudo um pouco, como roçar e capinar quintais e coletar materiais recicláveis. João sempre estava junto com seu pai para ajudá-lo nos serviços.

Os pais de João eram pessoas não alfabetizadas, mas mesmo assim educavam seus filhos de maneira a que conhecessem o que é o certo e o que é o errado, se isso ou aquilo pode ser feito ou não e como deveriam tratar as pessoas. O menino João era o único que estudava, pois seus irmãos ainda não tinham a idade adequada para ingressarem na escola. Seus pais sempre diziam que o estudo faz toda a diferença na vida, que ele abre portas para uma existência mais tranquila, e que não estudaram por falta de oportunidade. O menino era esforçado, sempre que podia, chegava no horário, ainda que o esforço para ajudar o pai no trabalho dificultasse sua pontualidade. Ele chegava todos

os dias bem-disposto para assistir às aulas, dava atenção aos assuntos abordados, era inteligente e, por todas essas razões, arrancava elogios na escola.

O tempo foi passando e o menino foi crescendo. Com muita dificuldade, conseguiu terminar os estudos e seguir firmemente na luta para ingressar em uma faculdade. Trabalhava para ajudar os pais, que já estavam mais idosos e não conseguiam se manter sozinhos, pois estavam adoentados e precisavam de muito cuidado. Com todo o seu esforço e o de seus irmãos, conseguiram uma casa digna para a família morar.

João, sempre muito interessado pelos estudos, tinha como maior sonho entrar em uma faculdade. Ele queria ser pedagogo, aprender a ensinar quem precisa. Com o passar de algum tempo, finalmente conseguiu o que tanto queria: era estudante de Pedagogia, ingressou em uma faculdade pública, e seu coração quase saltou pela boca de tanta alegria. Seus pais e irmãos choravam de felicidade, estavam incrédulos com o que estava a acontecer.

João raspou a cabeça e escreveu “calouro” por todo o corpo, estava muito feliz pelo que estava acontecendo em sua vida. Então, depois de alguns dias, e com toda a euforia se acalmando, ele começou a ir às aulas e se destacou na primeira semana, sendo um dos mais dedicados. Mas, a partir desse momento, a vida de João virou de cabeça para baixo. Ele não conseguiu trabalhar e ajudar em casa, os estudos ocupavam todo o seu tempo e, para completar, seu pai ficou muito doente, precisando tomar medicamentos caros que não eram fornecidos pelo SUS. Seus irmãos ajudavam no que podiam, trabalhavam, e até a mãe, com todas as suas

dificuldades, resolveu preparar refeições para os filhos venderem, mas os meninos também estudavam e precisavam se dedicar.

As dificuldades para o jovem João foram aumentando, a falta de dinheiro era a principal de todas. Um certo dia, ele resolveu sair para “esfriar” a cabeça e encontrou alguns colegas da faculdade. Durante o passeio, ele contou o que estava passando em sua vida, e um de seus conhecidos o chamou para conversar em particular e lançou uma proposta para ganhar dinheiro velocemente. João, no primeiro momento, não queria saber do que se tratava, pois, como disse, com coisas ilícitas ele não se envolvia e fora educado pelos pais a não fazer o que é errado. Então, saiu andando e foi embora.

Na manhã seguinte, seu pai teve uma recaída pela falta dos medicamentos. João ficou desesperado, não sabia mais o que fazer, já tinha recorrido até à justiça para conseguir os medicamentos, mas nada conseguiu. Não queria mais ver o pai naquela situação. Então, depois de refletir muito, decidiu procurar o jovem colega de turma para saber qual seria a tal proposta para ter dinheiro o mais rápido possível.

A proposta foi então lançada: vender entorpecentes no bairro onde morava e fora dele. O lucro era bem alto. João pensava no que aprendeu com os pais sobre o que era certo e o que era errado. Seu coração se encheu de dor ao ver seu pai doente, precisando de ajuda. A única solução seria fazer o contrário do que sempre lhe ensinaram. Apesar de todas as dificuldades para sustentar uma família, ele nunca havia feito algo fora da lei, pelo contrário, procurava sempre fazer o certo. João se partia de dor, chorava como uma criança,

não queria fazer aquilo. Ele mesmo se perguntava como seria exemplo para alguém seguindo esse caminho. Depois de alguns minutos chorando, pensou que tudo o que estava fazendo era para salvar a vida de quem ele ama e, então, aceitou a proposta.

O tempo foi passando, João foi se destacando na faculdade, seu pai estava se recuperando, mas, em uma certa noite, enquanto João fazia a venda dos produtos ilícitos, houve uma abordagem da polícia no local. O jovem conseguiu sair do local minutos antes da chegada da polícia, porém seu parceiro de vendas foi preso, e João ficou desesperado, pois existiu a possibilidade de ter sido preso também.

Depois de tudo isso, seu pai o chamou para conversarem sobre a origem do dinheiro usado em seu tratamento. Ele disse que sempre desconfiou que o filho estava envolvido com coisas erradas, pois não existia outra explicação para ganhar dinheiro tão velozmente em tão pouco tempo. Então, ele questionou o filho. João, todo envergonhado pelo que fez, pediu perdão ao pai e disse que só se envolveu com isso para salvar sua vida. O pai então o perdoou e pediu para ele deixar aquilo para trás e viver a vida de maneira certa, estudando e trabalhando de forma honesta.

O último relatório

Gabryel Cardoso Pavão

Jennyfer Luzia Oliveira Rodrigues

Em abril de 1945, com a Segunda Guerra Mundial chegando ao fim, o capitão alemão Friedrich Keller recebeu uma missão peculiar. Em meio ao colapso iminente do Terceiro Reich, seu superior lhe entregou uma pasta contendo documentos que deveriam ser destruídos a qualquer custo. Entre os papéis, estavam relatórios detalhados sobre experimentos conduzidos em prisioneiros e a identidade de oficiais nazistas infiltrados no governo aliado.

Friedrich, um homem que nunca se sentiu confortável com as atrocidades cometidas por seu país, hesitou. Ele havia entrado para o exército por patriotismo, mas ao longo dos anos percebeu a monstruosidade do regime que servia. Agora, de posse daqueles documentos, ele sabia que sua decisão poderia mudar vidas. Ele passou anos justificando para si mesmo que não tinha escolha, que cumprir ordens era uma questão de honra. Mas agora, com o Reich em ruínas e o futuro incerto, ele percebeu que essa desculpa não era mais suficiente.

A verdadeira escolha sempre esteve em suas mãos. Ao invés de cumprir a ordem, Keller decidiu desertar e levar os arquivos aos aliados. Durante sua fuga, encontrou-se com

uma jovem francesa chamada Elise, uma sobrevivente da Resistência. Ela estava escondida em um celeiro abandonado, ferida e faminta. Quando ele se aproximou, a princípio, ela tentou atacá-lo, vendo apenas o uniforme que ele usava.

Mas ao perceber que ele falava francês e não tinha intenção de machucá-la, ela baixou a guarda. “O que um capitão alemão está fazendo tão longe de seu posto?”, perguntou Elise, desconfiada. “Tentando fazer o certo”, respondeu Friedrich, entregando-lhe um pedaço de pão de sua ração. Com o tempo, a desconfiança inicial deu lugar a uma aliança improvável. Juntos, atravessaram territórios devastados pela guerra, escapando de patrulhas nazistas e buscando contato com as forças aliadas.

O senso de justiça de Friedrich se fortaleceu ao ver a devastação causada pelo regime que serviu por longos anos. Ele não queria mais ser cúmplice. Durante a jornada, Friedrich começou a perceber a complexidade da moralidade em tempos de guerra. Os aliados, por vezes, cometiam suas próprias atrocidades. Bombardeios dizimaram cidades inteiras, e prisioneiros de guerra eram executados sem julgamento. O que separava os vilões dos heróis? Seria apenas o lado vencedor?

Dias depois, exaustos e feridos, conseguiram alcançar um posto avançado americano. Friedrich, sujo e vestindo o uniforme militar nazista, foi imediatamente detido. Elise tentou explicar, mas os soldados não estavam dispostos a ouvir um “nazista”. Antes de ser fuzilado como espião, Friedrich gritou que tinha documentos vitais para o julgamento de Nuremberg. A menção a Nuremberg chamou a atenção de

um oficial, que ordenou que o levassem para interrogatório. No quartel-general, Friedrich entregou os arquivos.

Entre os papéis, havia um relatório assinado por um alto oficial nazista detalhando experimentos desumanos. Entre os nomes no documento, um deles fez o sangue dos interrogadores gelar: Elise Leblanc, experimento 235: Super Soldado. Confusa, a jovem pegou o papel. Era seu próprio nome, mas não podia ser. Então, uma revelação esmagadora veio à tona: Elise não era apenas uma vítima da guerra, mas uma peça fundamental dos experimentos. Seu verdadeiro passado foi apagado, sua identidade reconstruída por um médico nazista que a usou como cobaia para um projeto de supersoldado com lavagem cerebral e memórias implantadas.

Sua fuga e luta na Resistência haviam sido conduzidas sob uma identidade fabricada. Horrorizada, Elise percebeu que suas memórias poderiam não ser suas e que sua vida inteira poderia ser uma mentira. Durante anos, ela odiou os nazistas por terem destruído sua família, mas agora percebeu que talvez tivesse sido uma de suas criações.

O que isso significava para sua moralidade? Era ela ainda a mesma pessoa, ou apenas um reflexo do que lhe foi imposto? Friedrich, que arriscou tudo para revelar a verdade, não apenas salvou documentos comprometedores de seu país, mas também libertou Elise da ilusão em que vivia. Ele entendia seu choque, pois ele próprio estava tentando se redimir de um passado de mentiras, mas do qual era cúmplice. A guerra terminava, mas as cicatrizes que ela deixava eram mais profundas do que qualquer um poderia imaginar.

Elise agora enfrentava um dilema próprio: deveria buscar vingança contra seus criadores ou aceitar sua nova

identidade e seguir em frente? Friedrich sabia que ele próprio tinha que responder à mesma pergunta. Eles haviam sobrevivido à guerra, mas agora precisavam sobreviver a si mesmos. A guerra traz dores individuais, porém faz com que se partilhe dos mesmos sentimentos, sendo eles o medo, a raiva ou, a pior de todas, a saudade pela perda de quem morreu pela pátria, fossem pais, filhos ou amigos, confundido com espiões inimigos.

Friedrich fez certo em entregar documentos comprometedores de seu país ou seu medo de morrer por uma nação que fez várias atrocidades falou mais alto? Decidir mudar de lado, mesmo sabendo que será visto pelos parentes como um porco traidor, o fará feliz? Elise deveria confiar em Friedrich? Mesmo que ele não fosse responsável pelo experimento realizado nela, ele ainda usava o mesmo uniforme, a mesma suástica e a mesma ideologia, até seu questionamento e decisão de trair o seu país pelo bem maior. “A guerra muda a pessoa, e sua ética é testada ao extremo, onde confiar na moral não é ético e ser ético te torna um imoral”.

O amor que faltou

Franci Mila de Caldas da Silva

Amanda Severa Pinheiro Araújo

Esta narrativa foi vivenciada em uma família e traz reflexões acerca da moralidade e ética de pai, mãe e filhos. Esta história reflete o que muitas famílias vivenciam dentro de seus lares, onde o caráter pessoal e o poder de decisão são colocados à prova quando se têm decisões árduas a serem tomadas.

Era uma família com quatro meninas pequenas, todas nascidas e criadas seguindo os preceitos evangélicos e tementes a Deus. A mãe, uma mulher que serviu a Deus durante toda sua vida, conhece um homem, casa-se com ele, mesmo já tendo quatro filhas, e com ele tem mais três filhos.

O tempo passou e as meninas tornaram-se belas jovens, o corpo de criança deu espaço para a forma de mulher, e com isso a vaidade e a vontade de se arrumar também surgiram, tornando-as jovens atraentes.

O padrasto das jovens sempre foi superprotetor, desde que eram pequenas. E com o crescimento delas, cada vez ficava mais evidente sua preocupação em controlar cada aspecto das jovens. Como a família era serva de Deus e seguia os preceitos bíblicos, era normal que ele não quisesse

que as jovens namorassem nem tivessem amizades com pessoas do sexo masculino, pois, segundo a Bíblia, os jovens não podem namorar sem que se casem antes.

Foi questão de tempo até a jovem mais velha apaixonar-se por um rapaz e, com o consentimento da mãe, pediu para que pudessem conversar no portão. Justo naquele dia, o padrasto chegou de surpresa e pegou os dois conversando. No mesmo instante, ele não conseguiu esconder sua ira. Descontrolado, encontrou um pedaço de madeira e expulsou o rapaz, ameaçando-o, enquanto mandou a filha entrar para casa.

O tempo foi passando e episódios de raiva e ciúmes das jovens por parte do padrasto eram frequentes. A mãe, submissa ao marido, obedecia a tudo que ele mandava e permitia que ele controlasse as filhas. Com isso, as brigas dentro de casa tornaram-se diárias. A obsessão do homem era explícita em relação às moças, implicava com as roupas, o jeito de andar, com quem saíam, com quem conversavam, e essa implicância era ainda maior com a filha mais velha.

Certo dia, em meio a uma das constantes brigas, o padrasto exclamou bem alto: “eu sou teu pai! Você tem que me respeitar.” A filha, com lágrimas nos olhos e na frente de sua mãe e dos irmãos, respondeu: “Pai? O pai que tentou me estuprar enquanto eu dormia?”. Todos ficaram em silêncio e em estado de choque.

A mãe se levantou e disse para sua filha: “Vá embora da minha casa”, e a jovem saiu sem destino. A mãe sabia do acontecido, porém escondeu para poder continuar casada com o homem, pois o colocava acima das filhas, mantinha o pensamento de que nunca poderia se separar do seu marido

porque perante a Deus juraram que só a morte os apartaria. Embora ele agredisse suas filhas e tivesse interesse nelas, nada fazia com que a mãe o deixasse.

Mesmo a filha primogênita tendo saído de casa pelas perseguições do padrasto, o homem continuou constantemente perseguindo as outras meninas. Quando ele entrava em casa, tudo mudava, o clima era outro. A mãe parecia viver em outro mundo, fingindo não enxergar o que acontecia com suas filhas.

O tempo foi passando e a vivência em casa estava cada vez pior, e com isso as meninas foram saindo de casa. A primeira foi embora num dia chuvoso, com as lágrimas no rosto e o pensamento preocupante: “O que irei fazer? O que será de mim agora? Eu preciso sair daqui”. E assim ela se foi, só com uma sacola na mão, com poucas roupas. Desde esse dia não olhou mais para trás. Saiu sem rumo, sem dinheiro, com a cara e a coragem, sem nenhum apoio da mãe. Mas saiu daquele lugar onde não era feliz, indo morar de favor na casa dos outros. Com um mês, ela conseguiu um emprego e, desde então, nunca mais retornou. Seguiu sua vida com muita dor no coração de não ter o amor e carinho da pessoa que mais amava: sua mãe.

Depois que as jovens foram embora, o padrasto decidiu se separar da mãe, deixando-a sozinha com os filhos menores. Assim, ela decidiu ir embora, deixando três de suas filhas sem dar nenhum apoio e mesmo sem afeto maternal.

As meninas sempre foram unidas, pois sofreram julgamentos pela mesma pessoa, por motivos que nem elas

mesmas entendiam, pois não haviam feito nada de errado, mas a mãe as culpava pelo fim do casamento.

Mesmo com as dores e cicatrizes das lembranças, elas seguiram sua vida. A mãe, mesmo separada, continua fria, sem dar atenção às meninas, demonstrando pouco afeto, já que nunca foi uma mãe protetora. As filhas não entendiam por que a mãe é desse jeito. Muitos anos se passaram e as meninas vivem de lembranças, pois lembram de como sofreram e não tiveram o apoio da pessoa mais importante para elas: sua mãe.

A pescaria

Hallem Lucas dos Santos Moraes

Idenilson dos Santos Silva

Jorge era um rapaz trabalhador, responsável, casado e tinha dois filhos. Todo dia, levantava-se cedo e partia para o serviço, retornando no final da tarde. Uma rotina cansativa, precisava manter tudo em ordem, já que o seu trabalho era a única fonte de renda da família. A fábrica na qual trabalhava era uma grande produtora de suco de laranja, que vendia seus produtos em território nacional e internacional. Mas com a crise econômica daquela época, alguns gastos foram cortados, levando à demissão de muitos funcionários, e Jorge estava inserido nesse grupo.

Desempregado e com muitas contas para pagar, Jorge começou a trabalhar como autônomo, passando de porta em porta oferecendo seus serviços de limpeza e jardinagem. Porém, apesar de seus esforços, os valores que recebia não eram suficientes para cobrir as despesas da casa. Certo dia, andando pelas ruas da cidade, Rafael reencontrou o velho amigo, ambos não se viam há anos, e logo se puseram a conversar, questionando o que cada um fez durante todo esse tempo.

Rafael disse que estava trabalhando agora como pescador, passando dias em alto-mar, recebendo um

“salário” muito acima de qualquer valor recebido por outros pescadores da mesma área. Jorge ficou espantado e, na situação em que se encontrava, faria qualquer coisa para trabalhar juntamente a Rafael e usufruir daquilo também.

Dessa forma, Jorge começou a questionar a respeito das espécies de pescados com que o amigo e sua equipe trabalhavam, pois deveria ser algo muito caro para direcionar tanto dinheiro a eles. Nesse momento, um silêncio pairou no ar, e o semblante de Rafael mudou completamente. Mesmo desconfiado com aquilo e sem outra alternativa, Jorge pediu uma vaga para participar daquele trabalho, e Rafael decidiu ajudá-lo.

Chegando o grande dia, Jorge conheceu todos os pescadores do barco, que por sinal era bem grande e com espaço de sobra, onde caberia facilmente o dobro do pessoal presente. Eles lhe trataram bem e explicaram como funcionava o trabalho. Rafael apenas admirava a força de vontade e dedicação do companheiro. Com as redes sendo puxadas, Jorge ficou impressionado com a quantidade de peixes que haviam sido capturados, e essa fartura continuava dia após dia. Logo pensou que voltariam mais cedo para casa.

Todas as noites, Jorge dormia rápido demais e mal conseguia participar dos momentos de lazer do grupo, e assim perdia os fatos que aconteciam na embarcação. Observando que a urna já estava completamente lotada, Jorge indagou Rafael a respeito da volta para casa, e recebeu como resposta que ainda permaneceriam por ali para efetuar outras “tarefas”. Jorge, então, resolveu aguardar o dia da partida com paciência.

Em uma determinada noite, ouviu-se uma barulheira no barco, parecia que havia várias pessoas conversando, sorrindo. Jorge pensou se tratar apenas dos próprios parceiros, porém, uma coisa lhe chamou atenção, alguns falavam outro idioma e, observando pela janela, viu que era outra embarcação que havia se juntado à deles. Nesse momento, um detalhe chamou sua atenção: seus companheiros estavam transportando para o barco sinistro inúmeros pacotes embalados em uma espécie de fita marrom.

Na manhã seguinte, Rafael informou ao grupo que estariam voltando. Todos estavam felizes e faziam planos para quando atracassem no porto. Jorge, intrigado com o ocorrido na noite passada, perguntou ao cozinheiro sobre aquilo, e ele rapidamente lhe explicou em voz baixa que a pesca era apenas uma camuflagem para o que eles realmente faziam, pois trabalhavam com o transporte de coisas ilícitas. Surpreso com a atitude do rapaz, o cozinheiro reiterou que se tivesse comentado sobre aquilo com alguém além dele, seria facilmente jogado ao mar.

Ao chegarem no continente, com o pagamento efetuado, Jorge chegou em casa com muito dinheiro e um tanto preocupado, mas, após ver a alegria de sua família, resolveu guardar aquele segredo. Sua despensa agora estava cheia, e a geladeira também, seus filhos tinham material escolar, e as contas que estavam atrasadas foram pagas. Conversando com sua esposa, Jorge disse que retornaria ao trabalho na semana seguinte, mas seria a última vez, pois o trabalho era cansativo demais, além de levar muito tempo. Ela concordou sem hesitar.

De volta à “pescaria”, Jorge percebeu que o outro barco não aparecera dessa vez, fato que deixou todos aflitos, obrigando-os a retornarem. Enquanto isso, em terra firme, as autoridades policiais já investigavam o grupo há meses, no entanto, precisavam de provas suficientes para declararem voz de prisão aos envolvidos no esquema. Jorge e a equipe retornavam para casa sem saber o que lhes aguardava no porto.

Ao chegarem, notou-se uma movimentação estranha no local, muitos policiais armados, logo todos foram presos. Jorge até tentou explicar que desconhecia o esquema, mas não foi o suficiente para ser dado como inocente, e desde então começou a cumprir pena em regime fechado. Refletindo sobre o ocorrido, ficava aos prantos, sendo que sabia de tudo e poderia muito bem ficar em casa ao lado da família, trabalhando, ganhando pouco, mas de forma honesta. Conforme o passar dos dias, Jorge começou a se acostumar com o fato de o sol nascer quadrado.

A vida de um aluno triste

Alcione dos Santos Faria

Rian dos Santos Faria

Era uma vez um menino que se chamava Dweuco, ele era moreno, pequeno e de olhos castanho-claros e puxados, com os cabelos lisos. Dweuco era um aluno indígena e convivia com sua tribo em uma comunidade que ficava a alguns quilômetros da cidade. Seus pais não queriam que seu filho tivesse a mesma trajetória de vida deles, pois era uma vida sofrida e bastante exaustiva com o trabalho da roça e os desafios do dia a dia de uma família pobre. E a vida ficou ainda mais difícil com a praga que deu na maniva e começou a acabar com o ganha-pão dessa família, que era a farinha, de forma que tiveram que buscar outros meios de sobrevivência.

Havia um casal que morava na cidade grande e tinha um coração enorme. Sempre que podiam, iam até a comunidade local para levar mantimentos, roupas, sapatos etc., e numa dessas visitas conheceram os pais de Dweuco, que, por serem pessoas simples, sensibilizou o casal. Com o passar dos dias, numa nova visita à comunidade, o casal deparou-se com um menino lindo, moreno, de cabelos lisos e olhos claros, e ficou radiante com tanta beleza. Era Dweuco!

O casal aproximou-se da criança e perguntou-lhe seu nome: “olá, bela criança, como você se chama?” A criança, por sua vez, respondeu: “Sou Dweuco”. E o casal respondeu: “que lindo você é”, e Dweuco agradeceu. Logo em seguida, os pais de Dweuco chegaram e abraçaram a criança, então o casal perguntou: “quem é esta bela criança?”. E os pais responderam que se tratava de seu filho, Dweuco. Então o casal retornou para a cidade e conversou entre eles.

— Esposo querido, viste que bela criança é aquele menino?

— Sim, querida!

O casal resolveu ajudar a comunidade com uma promessa, pois há um ano descobriram que não poderiam ser pais, então decidiram ajudar aqueles que precisavam.

Um certo dia, o casal voltou à comunidade em que Dweuco morava e o viu sentado debaixo de uma árvore, olhando uma revista. Aproximaram-se dele e perguntaram: “você sabe ler?”. Então a criança respondeu que não. “O que você faz com essa revista?”. A criança respondeu que estava olhando as figurinhas.

Os pais de Dweuco chegaram e, ao ver a criança tentando entender a revista, ficaram consternados, pois eles não sabiam ler e escrever e não podiam ajudar seu filho. O casal rico, então, lhes fez uma proposta.

Podemos ajudar seu filho. Vamos colocá-lo em uma escola e ele irá aprender a ler e escrever, ele vai crescer e ser um bom moço e ajudará vocês. O casal, meio espantado, não queria que seu filho continuasse nessa vida sofrida e por isso aceitou a proposta do casal rico. Assim, Dweuco partiu, olhando seus pais.

O casal matriculou o menino na escola, e, ao chegar à sala de aula, Dweuco espantou-se com tanta criança, pois todos estavam bem-vestidos, arrumados e sentavam-se bem nas carteiras. A professora lhe apresentou à turma.

— Olá, crianças, temos um novo amiguinho que vai estudar conosco a partir de hoje. O nome dele é Dweuco.

As crianças riram, zombando e fazendo piadas. A professora pediu para pararem e ficarem todos quietos. Ele sentou-se e ficou muito triste, pois sabia que estavam zombando dele. Ao sair para o recreio, ele ficava sempre nos cantos, pois sempre havia piadinha com seu nome, cabelo, olhos e, quando chegava à casa do casal rico, ficava sempre quieto e escondido pelos cantos.

Ao se deparar com a situação, o casal perguntou o que estava havendo, e a criança respondeu que “não houve nada!”.

O casal foi até a escola procurar saber o que estava acontecendo, pois percebeu que a criança ficava sempre oprimida pelos cantos. E quando foram até a sala onde a criança estudava, perceberam que Dweuco sofria piadinhas racistas, então viram o porquê de ele estar sempre triste.

No dia seguinte, o casal retornou à escola com o intuito de dar uma lição de moral na professora e nos alunos, explicando, dentro da sala, os valores da ética e da moral e assim calando a boca de todos, principalmente da professora, que via o que estava acontecendo e não fazia absolutamente nada.

Com o passar dos dias, alguns alunos ainda continuavam a zombar dele, mas Dweuco, já sabendo o que é ética e moral, resolveu se vingar dos alunos e da professora.

A fila do banco

Carla Silva Malaquias

Carlison Silva Malaquias

Em uma manhã de segunda-feira ensolarada na cidade, havia uma fila enorme na entrada do banco, onde alguns esperavam pacientemente a entrega das senhas, enquanto outros entravam e saíam dela.

Nessa fila, algumas pessoas marcavam o seu lugar para não perder a vaga, já que era preciso chegar cedo para ser atendido primeiro. No meio dessas pessoas havia um jovem, aguardando para pegar uma senha enquanto esperava seu pai.

Durante a espera, a hora foi passando e a fila começou a ficar bagunçada. Quando chegou o horário de distribuir as senhas, as pessoas procuravam seus lugares na fila. Só que nem todas falavam a verdade sobre a sua vaga. Algumas diziam que chegaram primeiro e outros diziam que a vaga pertencia a eles. Enquanto isso, o jovem estava no meio da confusão, mas apenas observando o que estava acontecendo.

A atendente começou a distribuir as senhas apenas para as pessoas que estavam na fila, mas aqueles que estavam fora dela também queriam, de qualquer jeito, pegar uma senha. No meio daquele tumulto, chegou o pai

do jovem, entrou na fila e ficou bem na frente de seu filho para conseguir pegar uma senha.

Foi então que surgiu uma senhora, que também estava na fila, e gritou: “professor Afonso, o que o senhor está fazendo aí na frente? Não vi você mais cedo quando cheguei, vi apenas seu filho”.

O pai daquele jovem era um professor da cidade que naquele dia tinha um compromisso, por isso mandou seu filho na frente, então respondeu: “minha senhora, eu preciso resolver um problema rapidamente no banco, sou professor e tenho um compromisso importante hoje na escola”.

As pessoas começaram a murmurar entre si, e o clima ficou tenso. Mais uma vez a senhora argumentou: “desculpe, senhor, mas todos nós temos compromissos, você não é especial só porque é professor, temos direitos iguais”. Afonso tentou se defender, mas as suas palavras só alimentavam a raiva das pessoas que estavam ao seu redor.

Afonso não aguentou e disse: “eu só estou tentando fazer o meu trabalho! Não tenho tempo para ficar aqui esperando”. Mas as pessoas não davam ouvidos para suas palavras, pois estavam cansadas de ser desrespeitadas.

A situação saiu do controle quando um homem mais exaltado decidiu confrontá-lo:

—Se você está com tanta pressa, deveria ter vindo mais cedo, pois não é justo passar na frente de todos nós.

Afonso então baixou a cabeça e refletiu sobre a sua atitude egoísta. Ele se desculpou envergonhado e foi para o final da fila, enquanto seu filho permaneceu no seu lugar e as outras pessoas respiraram aliviadas por terem resolvido o problema.

Naquele dia, Afonso aprendeu uma lição, que levará para sua vida, sobre respeito e empatia pelo seu próximo. Por mais que ele seja um professor respeitado em sala de aula, na fila do banco ele era apenas mais um cidadão como todos e precisava seguir as regras.

O tumulto se acalmou, mas deixou uma marca na consciência de todos que ali estavam presentes, que a ética e o respeito são fundamentais em qualquer lugar, e que a ética contribui para uma convivência mais harmoniosa.

O garoto que brincava com meninas

Dalmo Alexandre dos Santos

Na infância, ele se divertia muito com os colegas de bairro e, até aquele momento, desconhecia que podia brincar também com meninas. Um dia, ele resolveu se divertir também com meninas, especialmente com suas primas, e começou a sair todos os dias para brincar com elas e outras amigas, porém, a partir daquele dia, seus amigos começaram a estranhar seu comportamento e a ausência de visitas quase diárias para brincar com eles.

Portanto, começaram a adverti-lo para não se envolver mais com aquelas meninas, pois “você é nosso amigo e não deve se envolver com elas, deve vir conosco”. Ele ouviu e retomou as brincadeiras com seus colegas de bairro. Com o passar do tempo, ele começou a não se sentir confortável.

Ele voltou a brincar com suas primas e amigas, porém seus amigos começaram a insultá-lo por ele não querer mais brincar com eles. A partir daquele instante, ele já não suportou mais ser o indivíduo que a sociedade esperava que ele fosse. Assim, ele decidiu enfrentar todas as barreiras que os amigos lhe impunham e afirmou que eles não tinham o direito de gerir sua vida.

Depois, ele enfrentou sua família, seus irmãos, irmãs e, sobretudo, seu pai e sua mãe, atravessando a etapa da adolescência. Os pais dele começaram a ser notados e, mesmo assim, ele sofria preconceito dos colegas de escola e do seu bairro. Na fase adulta, ele teve que comunicar à sua família que escolheu ser a pessoa que deseja ser na vida real.

No entanto, a partir desse momento, sua mãe afirmou: “meu filho, aceito você como é, mas o seu pai não vai aceitar tão cedo. O que você deve fazer é superar todos os obstáculos que surgirem no seu caminho. Prepare-se para a vida que está por vir. Tenho apenas uma coisa a te dizer: cuide-se, estude, forme-se para que um dia você possa afirmar que é essa pessoa e nunca aceitará a opinião de ninguém, tornando-se uma pessoa justa e independente”.

O pai dele não o aceitava devido à sua orientação sexual. Ele chorava em seu quarto e, mesmo assim, continuava a estudar e a refletir sobre os acontecimentos. Chegou a hora de ingressar na universidade, e ele foi aprovado no processo seletivo. Somente após seu ingresso, o pai começou a aceitá-lo e se aproximou dele, dizendo: “meu filho, você é jovem, já é um adulto, quem sou eu para interferir na sua vida? Continue sua jornada e permaneça sendo a pessoa que você é. Peço desculpas a você, meu filho, por ser um pai que não te aceitou. Perdão, meu filho”. Ele respondeu: “não se preocupe, pai, eu te amo”. Então eles se uniram e o pai desejou sorte ao seu filho.

Assim, ele seguiu sua vida e, desde então, fez vários amigos, se divertiu, mas sempre manteve contato com as pessoas que o apreciavam. Ele possuía amigos com os quais se sentia mais confortável.



Antônio: uma jornada de superação

Francisca Maciene da Cunha Gomes

Michela do Socorro Farias de Souza

Antônio Costa da Silva, hoje com 48 anos de idade, nasceu em uma comunidade rural do estado do Amapá, longe da zona urbana. Filho de Maria Costa da Silva e José da Silva, aos 8 anos, seus pais, preocupados com sua educação, lhe mandaram para a cidade para morar com parentes, e assim ele saiu muito cedo de casa para ingressar na escola. Chegando à casa dos seus parentes, sua tia Gorete logo o matriculou na escola local, que na época se chamava Escola de Ensino Fundamental Maria Socorro, onde iniciou seus estudos, seguindo até o ensino médio.

Como Antônio morava na casa de seus parentes, tinha que contribuir de alguma forma pela sua estadia ali, então começou a trabalhar na casa de sua tia Gorete para poder continuar com os seus estudos até ficar maior de idade. Antônio estudava no horário da tarde e acordava muito cedo para cuidar dos afazeres da casa, já que tinha que conciliá-los com seus estudos, e dormia muito tarde, mas nunca pensou em desistir dos seus estudos, até porque sua tia Gorete era professora, e mesmo com todas as dificuldades ela era

um exemplo para ele. Só que a saudade de casa às vezes doía tanto que ele chegava a chorar por dias, sempre com o pensamento de que um dia ele ia conseguir realizar seu sonho através de seus estudos e poder ajudar a sua família, que mesmo longe sempre lembrava dele. Quando seus pais vinham lhe visitar na casa da sua tia Gorete, sempre traziam frutas do seu sítio para Antônio, isso lhe deixava muito feliz e renovava o seu ânimo para continuar sua jornada.

O tempo passou, ele terminou o seu ensino médio e logo sua tia Gorete lhe incentivou a fazer o curso de magistério. Como ele queria ser um professor, não perdeu tempo, e sua tia o ajudou muito nesse período. Ao tornar-se adulto, sentiu a necessidade de sair da casa de sua tia, nessa época ele já estava terminando, com muito sacrifício, o magistério. Em seguida, conseguiu um contrato na Secretaria de Educação daquela cidade onde concluiu seus estudos e atuou como professor do ensino infantil. Para ele foi uma experiência muito maravilhosa, pois era o que Antônio tanto almejava para sua vida, e começou a trabalhar e ganhar o seu salário. Ficou tão radiante que parecia estar nas nuvens, pois começou a ajudar os seus pais, e isso, para Antônio, era um sonho se realizando em sua vida.

Os anos foram passando, e logo ele sentiu a necessidade de buscar uma formação superior. Fez o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) com muita dedicação e conseguiu uma nota satisfatória para concorrer a uma vaga no curso de Pedagogia. E finalmente conseguiu entrar na Universidade Federal do Estado do Amapá, no *campus* Marco Zero.

Foram seis longos anos, trabalhando e estudando, sua vida se tornou uma correria que parecia não ter fim entre a

escola que lecionava e a universidade. Chegou a pensar que não ia conseguir concluir seu curso superior, pois morava e trabalhava longe da universidade. Chegou a ficar doente e acabou deixando de fazer algumas disciplinas. Por isso, o curso se prolongou por seis longos anos.

Sua atuação como professor do ensino infantil era um desafio constante, teve alguns desentendimentos com colegas de trabalho pelos métodos que utilizava para ensinar as crianças, mas Antônio sempre foi um profissional muito dedicado e responsável com seus alunos que, mesmo tão pequenos, lhe surpreendiam a cada dia.

No ano em que estava para concluir o curso de Pedagogia, Antônio recebeu um convite para trabalhar como professor da 1ª à 5ª série, pois na época havia uma carência de professores. Ele aceitou o desafio, e sua rotina ficou mais corrida do que antes, mas sempre conseguiu conciliar tudo.

Nesse período, Antônio teve uma grande perda em sua família: seu pai, que tanto sentia orgulho do filho pela determinação de mudar de vida através de seus estudos, tinha falecido. Antônio nunca tinha sentido uma dor tão grande assim, parecia que tudo tinha perdido o sentido para ele, pois ficou sem ânimo. Por um momento, pensou em desistir de tudo, mas aí lembrou de sua querida mãe, de onde tirou forças, que estava ali entre eles e precisava do apoio dos filhos para continuar seguindo sua vida. Nessas horas, Antônio só pedia forças a Deus para continuar com a sua caminhada.

Quando Antônio retornou para a sala de aula, percebeu que tudo estava diferente. Chegou a pensar que era só impressão da cabeça dele, mas não era, de fato, realmente

estavam acontecendo muitas coisas que não foram informadas para ele. Seu trabalho na educação infantil era bem diferenciado, pois sempre buscava fazer o melhor para que as crianças tivessem um aprendizado de qualidade e principalmente se desenvolvessem no tempo certo, para que não tivessem tanta dificuldade nas séries iniciais. Até aí Antônio estava tranquilo, tinha voltado para a sua rotina de trabalho e estudo, e faltava pouco para a conclusão do curso superior.

Sua família estava bem, conseguiu se concentrar no curso, que já estava na reta final. Nesse período já era final de mais um ano letivo, na escola onde ele trabalhava, teve o recesso de final de ano. Até aí tudo parecia estar normal. Usou o seu tempo para fazer uma viagem com sua mãe por motivo de doença, mas graças a Deus deu tudo certo com a saúde dela.

O tempo passou muito rápido, e já se iniciava mais um ano letivo. Antônio recebeu uma ligação da direção da escola lhe informando que já não fazia mais parte do seu quadro de professores. Ficou encucado, sem entender o que realmente tinha acontecido.

Passadas algumas semanas, recebeu uma ligação da Secretaria de Educação pedindo sua presença lá para uma reunião e ficou muito feliz, pensando que iam chamá-lo de volta para o seu trabalho.

No dia marcado para a reunião, lá estava Antônio, que procurou pela secretária de educação e foi muito bem recebido. Começaram a conversar, e ela já conhecia seu trabalho. Sua indignação foi quando ele ficou sabendo que o diretor da escola em que atuava não gostava dos métodos

que ele utilizava com as crianças do ensino infantil, pois Antônio lhes ensinava por meio de brincadeiras e não ficava só dentro da sala de aula.

Antônio ficou sem saber o que falar naquele momento, o que mais lhe deixou triste foi saber que isso foi discutido em uma reunião em que eles falaram dele sem que estivesse presente, pois não fazia mais parte daquela instituição. Mas isso não lhe afetou, muito pelo contrário, publicou uma nota em suas redes sociais agradecendo a todos pelos anos em que ali trabalhou, pois tinha sua consciência tranquila de dever cumprido. Seu telefone tocou, e ele recebeu uma grande proposta irrecusável.

A escolha certa

Daiane Silva Nunes

Sayonara Nunes Monteiro

A Escola Municipal Professor Francisco França era conhecida não apenas pela qualidade do ensino, mas também pelos valores que buscava ensinar a seus alunos. Entre as turmas, a do 5º ano era uma das mais animadas e cheias de personalidade. Nela, um jovem chamado Miguel se destacava por ser inteligente, dedicado e sempre disposto a ajudar os colegas. Ele era admirado tanto pelos professores quanto pelos amigos.

Gustavo, outro jovem que estudava na mesma sala que Miguel, por outro lado, tinha uma relação complicada com os estudos. Não que fosse um aluno desinteressado, mas sua paixão estava no futebol. Desde pequeno, sonhava em ser jogador profissional e passava grande parte do tempo treinando no time da cidade de Oiapoque, onde morava. Para ele, a escola era apenas uma etapa necessária que precisava cumprir. Contudo, havia uma matéria em especial que sempre lhe causava problemas: a matemática.

Naquela semana, uma prova importante dessa matéria se aproximava. O professor Paulino, conhecido por seu rigor, já havia avisado que a avaliação definiria grande parte da nota final, e não haveria recuperação ou outras

chances. Muitos alunos estavam nervosos e com medo, mas ninguém mais do que Gustavo.

Num dia antes da prova, ele decidiu procurar Miguel, seu melhor amigo e um dos melhores alunos da turma. Ele sabia que Miguel sempre tirava notas altas e que provavelmente já havia estudado o suficiente para garantir um ótimo resultado.

Então, Gustavo falou:

— Miguel, preciso da sua ajuda. — disse, sentando-se ao lado do amigo na biblioteca.

— Claro! O que foi? — respondeu Miguel.

Gustavo então falou:

— É sobre a prova de amanhã. Cara, se eu não passar, meus pais vão me tirar do futebol. Você sabe que isso é tudo para mim. Eu tentei estudar, juro, mas simplesmente não consigo entender essas fórmulas e tudo parece estar tão difícil!

Miguel olhou para o amigo com empatia. Sabia o quanto o futebol era importante para ele, e enxergou o desespero em seu olhar, e com isso ele disse:

— Posso te ajudar a revisar agora, a gente pode tentar mais uma vez.

Gustavo balançou a sua cabeça, impaciente, dizendo:

— Não dá tempo! Eu preciso de uma garantia. Posso colar de você amanhã? Você é meu amigo, não é?

Miguel ficou em silêncio. A proposta o pegou de surpresa, pois nunca havia passado por uma situação assim.

De noite, ao deitar-se para dormir, sua mente estava inquieta e pensativa. Sabia que Gustavo precisava de ajuda, mas também sabia que ceder significaria ir contra

seus próprios princípios. Então lembrou-se das palavras do professor Paulino: “a honestidade é o que define quem realmente somos quando ninguém está olhando”.

Por que aquilo parecia tão difícil? Era apenas uma prova, e permitir que seu amigo colasse não afetaria diretamente sua própria nota. Mas, no fundo, Miguel sabia que isso não era verdade. Ceder naquele momento significaria aceitar um caminho mais fácil, mas errado.

No dia seguinte, Miguel chegou à escola sentindo o peso da decisão. Gustavo se aproximou dele no corredor, ansioso, logo perguntando.

— E aí? Tudo certo?

Miguel respirou fundo e respondeu.

— Gustavo, eu pensei muito sobre isso, mas não posso deixar você colar.

O rosto de Gustavo mudou imediatamente.

— O quê? Miguel, por favor, é só dessa vez.

Miguel, então, respondeu com aperto no coração.

— Desculpa, cara, mas não é certo. Eu sei que parece a única saída agora para você, mas colar não vai realmente te ajudar, você não vai aprender. Se você quiser, posso tentar explicar mais algumas coisas antes da prova.

Gustavo ficou em silêncio por um momento, depois balançou a cabeça, frustrado, dizendo:

— Esquece. Eu me viro.

Minutos depois, a prova começou. Gustavo tentava se concentrar, mas sentia um nó no coração, olhava para os lados, buscando alguma alternativa, mas sabia que estava por conta própria. Miguel, por sua vez, sentia o peso da escolha, mas estava certo de que havia feito o que era correto.

Dias depois, o professor Paulino entregou as provas corrigidas. Miguel teve um ótimo resultado, como esperado. Quando Gustavo recebeu a sua, suspirou aliviado: não tirou uma nota excelente, mas conseguiu o suficiente para passar.

Na hora do intervalo, ele se aproximou de seu amigo Miguel.

— Cara, eu fiquei com raiva naquele dia, mas acho que entendi. Não dá para viver dependendo dos outros.

Miguel sorriu, respondendo:

— Fico feliz que você pense assim. Se precisar de ajuda nas primeiras provas, me chama antes, e a gente estuda junto.

Gustavo sorriu de volta, dando um abraço no amigo.

A menina que não entrou na escola

Milena de Sales Chaves Sena

Era o início do ano letivo na Escola Municipal Palmira Gabriel, e os alunos estavam cheios de expectativas. Entre eles, estava Marina, uma menina de 13 anos que sonhava em aprender e fazer novos amigos. No entanto, Marina enfrentava um desafio que a deixava apreensiva: seus pais não tinham condições financeiras para comprar o uniforme exigido pela escola.

Marina sempre foi uma aluna dedicada e sonhava em ser professora. Naquele dia, enquanto seus colegas se preparavam para voltar às aulas com seus uniformes novos e brilhantes, Marina olhou para seu guarda-roupa vazio e sentiu um nó no estômago. Ela sabia que, sem o uniforme, não poderia entrar na escola.

Na manhã do primeiro dia de aula, Marina decidiu que ainda assim iria à escola. Vestiu a única roupa que tinha — uma camiseta surrada e uma calça desgastada — e pegou sua mochila com o material escolar. Ao chegar à porta da escola, o coração dela batia acelerado.

Quando se aproximou da entrada, Dona Bernadete, a coordenadora, a parou: “Marina, querida, você não está de uniforme. Sinto muito, mas não posso deixá-la entrar”.



A menina ficou paralisada. “Mas eu só quero aprender! Eu prometo que serei uma aluna dedicada”, implorou.

Dona Bernadete olhou para ela com compaixão. “Entendo sua vontade de estudar, mas precisamos seguir as regras da escola. O uniforme é importante para manter a disciplina e a igualdade entre todos os alunos”.

Com lágrimas nos olhos, Marina afastou-se da porta e sentou-se em um banco perto da entrada. Ela sentia que algo estava errado. A ideia de que as regras poderiam deixar alguém de fora apenas por não ter condições financeiras parecia injusta.

Depois daquele dia frustrante, Marina decidiu conversar com sua mãe sobre o que aconteceu. Elas estavam sentadas à mesa durante o jantar quando Marina finalmente abriu o coração.

— Mãe, eu quero ir à escola como todos os outros, mas não tenho uniforme. Eu me sinto tão triste por não poder aprender, — disse ela com a voz embargada.

A mãe de Marina ouviu atentamente e respondeu:

— Minha filha, entendo sua dor. As regras existem para criar um ambiente igualitário, mas nem sempre elas consideram as dificuldades que algumas famílias enfrentam.

Marina refletiu sobre isso e perguntou:

— O que podemos fazer? Não é justo que eu fique de fora por causa disso.

Determinada a mudar sua situação, Marina decidiu falar com seus colegas sobre suas dificuldades e como se sentia excluída. No dia seguinte, ela levou coragem e compartilhou sua história na sala de aula.

Os colegas ouviram atentamente e muitos se sentiram tocados pela situação dela. Um dos meninos sugeriu: “E se fizermos uma campanha para arrecadar uniformes usados? Podemos ajudar a Marina e outras crianças que precisam!”.

A ideia rapidamente ganhou apoio entre os alunos. Eles começaram a organizar uma coleta de uniformes em adequadas condições para ajudar aqueles que não podiam comprar novos. Com o apoio dos colegas e da coordenação escolar, a campanha foi um sucesso! Em poucos dias, várias famílias contribuíram com uniformes usados que ainda estavam em excelente estado. Marina finalmente recebeu seu novo uniforme e pôde entrar na escola como todos os outros alunos. Na sala de aula, Dona Bernadete fez questão de elogiar a iniciativa dos alunos: “Hoje aprendemos uma lição importante sobre solidariedade e empatia. As regras são importantes, mas é fundamental lembrar que todos têm histórias diferentes”.

Marina sorriu ao ver seus colegas ao seu lado e percebeu que juntos conseguiram transformar uma situação complicada em algo positivo. Ela voltou a acreditar no poder da comunidade e no valor da ética e da moral, princípios fundamentais para construir um mundo mais justo.

A ética e a moral na sociedade indígena

Analone Nara Henrique Nunes

Macrivane Alexandre Henrique

Quando pensamos sobre ética e moral dentro da sociedade indígena, percebemos que esses conceitos vão além do que normalmente conhecemos e se misturam com a cultura e as tradições da comunidade. A educação indígena não é apenas passar conhecimento, é uma vivência cheia de aprendizado que envolve respeito, conexão com a natureza e valorização coletiva dos povos indígenas.

Nós, indígenas, sabemos que a ética do nosso povo nos mostra que todas as vidas estão ligadas. Isso nos faz refletir sobre como interagimos com o meio ambiente e com os outros. Em um mundo muitas vezes cheio de egoísmo, as lições do nosso povo, que vivemos e compartilhamos, nos lembram da importância de cuidarmos uns dos outros. Ao ver nossa comunidade ensinando os jovens por meio de histórias e práticas antigas, percebemos que a moralidade vai além do certo e errado, ela se baseia em normas que ajudam a manter um entendimento salutar das pessoas.

Essa análise nos faz pensar sobre como a educação pode ajudar a fortalecer nossa identidade. Aprender nas

comunidades indígenas é sempre um trabalho em grupo, e nós, como parte do povo indígena, temos um papel importante na cultura e no compartilhamento de conhecimentos. Sabendo disso, somos levados a repensar nossas formas de ensinar e buscar maneiras de incluir essas regras no nosso dia a dia.

Quando olhamos para a relação entre ética, moral e educação indígena, lembramos da importância de ter uma educação que respeite e valorize as tradições.

Isso nos faz querer aprender com a sociedade indígena e trazer essas lições para nossas vidas, promovendo uma convivência mais respeitosa, sustentável e fazendo com que possamos construir um futuro mais justo para todos.

Viver em comunidade é algo essencial, especialmente para as sociedades indígenas. Para nós, essas vivências diárias de ética e moral moldam quem somos e como nos relacionamos. A educação se torna um espaço fundamental para valorizarmos nossas tradições e saberes, ajudando todos a entender melhor nossa identidade.

Na realidade indígena, a ética é profundamente conectada ao respeito pela terra, pela natureza e pelas relações entre as pessoas. Esses valores são passados de geração para geração, através das histórias contadas pelos mais velhos e das práticas do dia a dia. A moral indígena enfatiza cuidar do outro, ser solidário e priorizar o bem coletivo, algo que contrasta com o individualismo que muitas vezes vemos nas cidades.

As escolas devem refletir essa ética e moral indígenas. É vital que o currículo inclua nossas tradições, línguas e costumes, promovendo um diálogo rico entre as diversas

culturas. Essa troca não só enriquece os alunos indígenas, mas também oferece aos não indígenas uma chance valiosa de aprendizado.

Os educadores têm um papel importante nessas situações. Professores que entendem as necessidades da educação indígena conseguem criar ambientes acolhedores onde todos se sintam respeitados e valorizados. Quando podemos expressar nossas identidades livremente, as escolas se tornam verdadeiros espaços de empoderamento.

Além disso, é fundamental ouvir as vozes dos jovens indígenas nas discussões sobre educação. Nós conhecemos nossas realidades e desafios melhor do que ninguém; por isso, nossa participação na construção de políticas educacionais é essencial para garantir que nossos direitos sejam respeitados e nossa cultura, valorizada.

Refletir sobre a ética e a moral nas sociedades indígenas nos ajuda a entender sua importância para uma convivência agradável. A educação deve ser um espaço que reflita esses valores, promovendo respeito à diversidade cultural e fortalecendo nossas identidades. Somente assim poderemos construir uma sociedade mais justa e inclusiva para todos.

A ética e a moral nas sociedades indígenas são muito importantes para que as pessoas vivam bem juntas e para que suas culturas sejam valorizadas. Quando trazemos esses valores para a educação, ajudamos a manter tradições e respeitar as diferenças.

Na escola, é essencial que nossas vozes sejam ouvidas. Acreditamos que se os jovens participarem da construção do seu próprio futuro poderão fazer a diferença em suas comunidades.

Valorizar a ética e a moral nas relações ajuda a formar pessoas mais conscientes e preocupadas com o bem de todos.

Investindo em uma educação que respeite nossa realidade indígena, estamos criando uma sociedade mais justa e ampla. Essa é uma caminhada rumo a um futuro em que todos têm seu espaço, e suas culturas são respeitadas.

Mas é importante refletirmos: estamos realmente respeitando essas culturas? Estamos ajudando ou criando desigualdades? Como podemos garantir que a educação mostre os verdadeiros valores da sociedade indígena? Essas perguntas são essenciais para agirmos com responsabilidade e construirmos um mundo melhor para todos.

A menina Júlia

Jonielson Anika Forte

Júlia era uma criança recém-nascida que morava com a sua família em uma aldeia indígena, em uma casa bem simples. Era a sétima filha da família, pois já tinha quatro irmãos e duas irmãs mais maduras. Apesar de serem uma família bem simples, os seus pais não deixavam faltar nada à Júlia e seus irmãos.

Os pais de Júlia trabalhavam na roça junto com seus avós paternos, de onde tiravam o seu sustento, como também da pesca.

A vida de Júlia era um pouco sofrida, pois os seus irmãos também eram crianças, todos com um ou dois anos de idade a mais do que os outros. O mais velho tinha apenas 12 anos, então, como eles eram novos, na época do verão apenas o seu pai trabalhava na roça. A mãe ficava com eles em casa, já que a roça deles ficava muito longe para os pais dela carregarem todos eles em cima das pontes de buritizeiro. Quando Júlia completou 9 meses de idade, dona Maria, sua mãe, engravidou novamente. Os meses foram passando e a barriga de dona Maria foi crescendo até que deu à luz uma outra menina.

Tudo estava correndo bem até que a irmãzinha de Júlia completou um mês de vida, momento em que dona Maria

adoeceu por quase duas semanas, mas depois melhorou. Passado quase um mês e meio com a saúde normal, ela voltou a adoecer, sendo mandada para um hospital na cidade após se sentir doente por uma semana na aldeia.

Já com uma semana internada no hospital, dona Maria recebeu a visita de uma mulher que morava na mesma aldeia, que foi buscar informações sobre sua saúde, pois naquela época as informações chegavam na aldeia por um rádio de comunicação que nem sempre funcionava. Durante a conversa, dona Maria, muito abalada, pediu notícias de seus filhos, que haviam ficado na aldeia com os avós e tios, incluindo a recém-nascida, irmãzinha de Júlia. A mulher conversou com a mãe de Júlia, oferecendo palavras de conforto e atualizando-a sobre seus filhos.

Dona Maria, já se sentindo fraca e ciente de que não sobreviveria, decidiu pedir à mulher que cuidasse de sua filha caso ela morresse. A mulher, sem entender completamente a situação, concordou em cuidar da criança para tranquilizar o coração de Dona Maria. Em um dia de sábado muito chuvoso do mês de dezembro, chegou à aldeia a notícia de que dona Maria havia falecido no hospital, deixando Júlia e seus irmãos com o pai e avós.

Depois de um longo tempo após esse falecimento, sua tia por parte de mãe, ao ver a situação de Júlia, resolveu pedir ao pai dela para adotá-la. Quando Júlia completou quatro anos, sua tia a matriculou na escola da aldeia, onde ela estudou durante sua infância. Júlia sempre foi uma criança bem humilde e tímida, e isso não mudou nada depois que ela foi morar com sua tia. Por causa de sua timidez, ela repetiu o quinto ano do ensino básico duas vezes antes de conseguir

avançar para o 6º ano do ensino fundamental. Nessa etapa, ela teve que perder um pouco da sua timidez, pois iria estar com professores não indígenas.

Quando passou para o sétimo ano, como sua turma era composta por menos de quinze alunos, foi preciso juntar duas turmas diferentes em uma só. Mal sabia Júlia que essa união de turma seria o seu terror, pois na outra turma tinha uns meninos, já na fase da adolescência e muito levados, que caçoavam dos outros alunos, e o alvo principal deles passou a ser Júlia, por ser um pouco quieta e tímida.

Certo dia, ela foi para a escola vestindo um vestido longo e um pouco largo. Como estava um pouco atrasada, nem se preocupou em pentear os cabelos. Quando chegou e entrou na sala, todos começaram a rir, mas ela não ligou muito. Sentou-se na sua cadeira e começou a escrever no caderno o assunto que estava na lousa. Quando deu o horário do intervalo, todos os alunos saíram, e ela ficou na sala terminando de copiar o assunto do quadro, mas depois, ao sair, deu de cara com a turminha dos meninos que caçoavam dela. Ao perceber que eles estavam no corredor que dava acesso ao refeitório da escola, decidiu não sair da sala. No entanto, o grupinho de meninos notou que Júlia estava sozinha e foi atrás, rindo dela, chamando-a de feia e burra, entre outros insultos. Júlia não aguentou e saiu correndo da sala, chorando.

Chegando em casa, a sua tia perguntou por que ela estava chorando, mas ela não queria contar o que tinha acontecido na escola. Com a insistência da tia, ela, então, resolveu relatar o que tinha acontecido. Ao ouvir tudo o que Júlia tinha falado, sua tia pediu o nome dos meninos

e no dia seguinte foi falar para o cacique da comunidade, pedindo para que resolvessem essa situação. Imediatamente, junto com o diretor e os professores da escola, o cacique perguntou o nome dos meninos. Para surpresa do cacique, que também era professor, a tia de Júlia citou o nome do seu filho, fazendo com que ele ficasse sem palavras e ao mesmo tempo envergonhado, pois os meninos que fizeram isso com Júlia eram todos filhos de professores.

Sem demorar muito na conversa, o cacique convocou imediatamente toda a sua equipe de conselheiros da comunidade para fazer uma pequena reunião, e nela decidiram marcar uma assembleia geral com toda a comunidade e alunos de todas as séries para falar sobre bullying na escola e resolver a situação ocorrida com Júlia.

No dia da reunião, o cacique mandou chamar os cinco meninos e os colocou perante a comunidade para explicarem o que os levou a fazer isso com Júlia, e eles falaram que era apenas uma brincadeira. Após suas falas e a fala dos pais, o cacique chamou a menina Júlia e fez com que eles pedissem desculpas a ela, em frente à comunidade, e afirmarem que nunca mais iriam fazer isso com mais ninguém. Logo depois dos pedidos de desculpas, eles receberam como punição a tarefa de uma limpeza geral em toda a comunidade. E por duas semanas eles capinaram as ruas da comunidade, roçaram as áreas onde estava com mato, recolheram o lixo jogado na comunidade etc.

A professora Ana

Luan Corrêa Leal

Era uma manhã ensolarada quando Ana, uma professora de ensino fundamental, chegou à escola com um sorriso no rosto. Ela sempre acreditou que a educação é uma ferramenta poderosa para moldar o futuro das crianças. No entanto, naquele dia, algo a incomodava. Na semana anterior, na reunião dos pais, ela havia ouvido comentários preocupantes sobre a forma como alguns alunos eram tratados em casa. A pressão para obter notas altas, a comparação constante com os colegas e a falta de apoio emocional eram temas recorrentes.

Ana decidiu que precisava fazer algo. Em sala de aula, ela começou a implementar um novo projeto: “Palavras que Transformam”. A ideia era simples: cada aluno deveria escrever uma carta anônima para um colega, elogiando suas qualidades e incentivando-o a acreditar em si mesmo. O objetivo era criar um ambiente mais acolhedor e solidário, em que as crianças pudessem se sentir valorizadas e respeitadas.

Os primeiros dias foram desafiadores. Alguns alunos hesitavam em participar, enquanto outros se mostravam céticos quanto à eficácia da iniciativa. No entanto, Ana persistiu. Com o tempo, as cartas começaram a circular, e

o clima na sala de aula começou a mudar. Sorrisos surgiam, e as crianças se sentiam mais conectadas umas às outras. O projeto não apenas promoveu a empatia, mas também fez com que Ana refletisse sobre o papel da família na formação do caráter e da autoestima das crianças.

Certa tarde, enquanto organizava as cartas, Ana encontrou uma que a tocou profundamente. Era de um aluno que, apesar de ser considerado “diferente” pelos colegas, havia recebido palavras de encorajamento de um amigo. A carta falava sobre como ele se sentia invisível em casa, onde os pais estavam sempre ocupados com o trabalho e raramente prestavam atenção em suas conquistas.

A partir daquele momento, Ana percebeu que a escola não poderia ser apenas um espaço de aprendizado, mas também um refúgio emocional. Refletindo sobre essa experiência, Ana começou a questionar a ética educacional que permeava sua prática. Até que ponto a escola poderia intervir na vida familiar dos alunos? Era correto tentar suprir as lacunas deixadas por pais ausentes? E, mais importante, como garantir que as crianças se sentissem seguras e apoiadas, mesmo quando o ambiente familiar não oferecia isso? Essas questões a acompanharam durante semanas.

Ana percebeu que a educação não se limitava ao conteúdo curricular, mas envolvia também a formação de cidadãos empáticos e conscientes. Ela começou a se perguntar como poderia envolver os pais nesse processo. Seria possível criar um diálogo entre escola e família que promovesse uma educação mais ética e responsável? Ao final do ano letivo, Ana organizou uma nova reunião de pais.

Com coragem, ela compartilhou suas reflexões e

os resultados do projeto “Palavras que Transformam”. Ela convidou os pais a se unirem a ela na construção de um ambiente mais saudável para as crianças, em que a comunicação e o apoio emocional fossem prioridades.

A narrativa de Ana nos leva a refletir sobre a importância da ética educacional e o papel da família na formação das crianças. Ao considerarmos as ações e decisões que tomamos, somos levados a questionar: estamos realmente ouvindo nossos filhos? Estamos criando um espaço seguro para que eles se expressem? E, acima de tudo, como podemos colaborar para que a educação seja um reflexo de amor, respeito e empatia?

Essas perguntas nos desafiam a repensar nossas práticas e a buscar um caminho que valorize não apenas o aprendizado acadêmico, mas também o desenvolvimento emocional e social das crianças.

Afinal, a educação é uma construção coletiva, e cada um de nós tem um papel fundamental nessa jornada.

O médico como guardião da vida

Emerson Pastana Policarpo

Maely dos Santos Santana

Em uma manhã ensolarada de primavera, Dr. Rafael se preparava para mais um dia no hospital. As paredes brancas do pronto-socorro estavam repletas de histórias, algumas de dor e outras de esperança. Ele sabia que, como médico, a cada paciente que atendia, tinha a oportunidade de ser um verdadeiro guardião da vida, ajudando muitas pessoas, por ser um competente profissional.

Ao entrar na sala de espera, Dr. Rafael avistou Dona Maria, uma senhora idosa, com olhos cansados e uma tristeza que a acompanhava. Ela aguardava ansiosamente sua consulta sentada em um banco, com a cabeça abaixada. Ele se aproximou e a cumprimentou com um sorriso caloroso: “bom dia, Dona Maria! Como você está se sentindo hoje?”. A resposta dela não se restringiu apenas aos sintomas físicos, e ele percebeu a preocupação em sua voz quando falou sobre sua família e as dificuldades que enfrentavam em casa. O médico sabia que a empatia era fundamental naquele momento. Não se tratava apenas de tratar uma doença, era necessário compreender o contexto emocional

daquela paciente que precisava desabafar sobre tudo o que estava acontecendo.

Enquanto examinava Dona Maria, Dr. Rafael lembrou-se de uma situação complicada que havia enfrentado na semana anterior. Um jovem paciente diagnosticado com câncer agressivo precisava decidir entre um tratamento experimental arriscado ou uma abordagem mais conservadora. O dilema pesava em sua mente: oferecer esperança ou preservar a qualidade de vida? Ele sabia que essa decisão não era apenas técnica, envolvia princípios éticos profundos.

A autonomia do jovem paciente deveria ser respeitada, mas Dr. Rafael também tinha a responsabilidade de garantir que ele estivesse plenamente informado sobre os riscos e benefícios. Após uma conversa franca e aberta, em que ele compartilhou suas preocupações e ouviu atentamente as esperanças do jovem, tomaram a decisão juntos. Essa experiência reforçou em Rafael a importância da ética na prática médica — cada escolha era uma interseção entre ciência e humanidade.

Voltando à consulta com Dona Maria, o médico não fez apenas perguntas sobre os sintomas dela, ele se sentou próximo e escutou ativamente suas preocupações sobre a saúde do filho e as dificuldades financeiras que enfrentavam. A empatia fluiu naturalmente entre eles. Rafael não estava apenas tratando uma condição clínica, estava ajudando uma mulher a enfrentar seus medos e incertezas.

Médicos empáticos promovem melhores resultados para seus pacientes. Ele viu isso se concretizar quando Dona Maria começou a relaxar e compartilhar detalhes sobre sua vida. A conexão emocional não só fortalecia a relação

médico-paciente como também contribuía para o bem-estar dela durante o tratamento. Tudo o que Dona Maria falava era ouvido atentamente pelo médico, que refletia sobre as melhores formas de apoiá-la diante dos dois problemas que enfrentava: sua doença e as preocupações em casa. O médico deixou Dona Maria à vontade para falar sobre qualquer situação, afinal, ele estava ali para ajudar e ouvir.

Após atender Dona Maria, Dr. Rafael participou de uma reunião com outros profissionais de saúde sobre a resposta da comunidade à pandemia que ainda afetava o mundo. Ele percebeu que seu papel ia além do atendimento individual. Como médico, tinha uma responsabilidade social significativa.

Os colegas discutiam estratégias para educar a população sobre vacinação e prevenção de doenças. Rafael lembrou-se das desigualdades no acesso à saúde que havia testemunhado em sua prática diária, como no caso de pacientes sem condições financeiras adequadas para receber cuidados dignos. Ele levantou a mão e compartilhou suas preocupações, enfatizando que os médicos devem lutar contra práticas discriminatórias e promover equidade no cuidado à saúde.

Ao final do dia, enquanto caminhava pelo corredor do hospital em direção à saída, Dr. Rafael refletiu sobre tudo o que havia vivenciado. Ser médico significa muito mais do que tratar doenças, é um compromisso profundo com a ética, uma prática constante da empatia e uma responsabilidade social inabalável.

Ele sabia que cada paciente é um universo único, merecedor de dignidade e respeito. E assim, ao abraçar essas responsabilidades — éticas, empáticas e sociais —,

ele não apenas tratava doenças, tornava-se um verdadeiro guardião da vida, contribuindo para um mundo mais saudável e humano.

Esse papel nunca foi tão desafiador quanto hoje, mas, para o Dr. Rafael, cada história contada nas paredes daquele hospital lembrava seu propósito maior: cuidar das vidas que lhe foram confiadas com amor e compaixão.

Pensamentos de uma garota

Alice Morais Beserra

Deusanete Azevedo dos Santos

Em uma cidade no estado do Pará, morava uma garota chamada Lara, que cresceu em um ambiente familiar caótico e de muita violência física. Seu pai, alcoólatra, afundava a vida da família em suas noites de farra, gastando todo o dinheiro que era para sustentá-la.

Com o tempo, o pai de Lara recebeu uma proposta de emprego em outro estado. Desde então, Lara não viu mais seu pai, e isso a foi tornando uma garota muito oprimida. Sua mãe, com o tempo, caiu em uma depressão profunda.

A mãe de Lara disfarçava de todas as formas para não transparecer a tristeza para a filha devido ao abandono do marido, mas Lara, sendo perspicaz, sabia que algo não estava nada bem com sua mãe. Os dias se passaram, e Lara e sua irmã voltaram às rotinas escolares, ela era encarregada de deixar sua irmã na creche que ficava ao lado da sua escola. Lara era uma pessoa que pouco falava e não conseguia se concentrar na sala de aula.

Ela se perguntava: “por que meu pai foi embora?”, e isso era só o começo do que estava por vir. Com o tempo,

Lara começou a se deparar com situações de bullying, por causa da falta de vontade para se arrumar quando ia à escola. Usava sempre o mesmo penteado, nunca soltava o cabelo, que era bastante comprido, e passaram a lhe apelidar de “Rabo de Cavalo”. Uma colega de sala passou a lhe perseguir na escola, puxando seu cabelo todos os dias. E foi assim que Lara passou o restante do ano letivo sendo alvo de bullying.

Lara começou a se perguntar por que os colegas faziam isso com ela, já que ela não falava e não mexia com ninguém. Quando dava os intervalos da aula, ela não saía da sala para que assim ninguém puxasse seu cabelo ou lhe empurrasse por maldade. Sua professora, observando o comportamento retraído dela, resolveu lhe questionar:

– Lara, está acontecendo alguma coisa?

Mas, por vergonha, ela não respondia nada e não falava o que estava acontecendo, e assim foi por todo o decorrer do ano letivo. Só que, com o tempo, a professora começou a perceber os outros alunos fazendo bullying com Lara e começou a trabalhar com eles a importância de respeitar os outros, independentemente de cor, raça, condições financeiras, aparência ou estrutura familiar.

Os anos foram se passando e, quando Lara completou 13 anos, começou a trabalhar pela manhã em uma panificadora para ajudar a mãe, que estava com a saúde muito debilitada, impedindo-a de trabalhar. Mesmo trabalhando na panificadora de manhã, ela não desistiu dos seus estudos, o que foi de grande valia.

Quando completou 19 anos conseguiu passar no vestibular para cursar seu tão sonhado curso de Pedagogia. Porque, através da ajuda daquela professora do ensino

fundamental, ela conseguiu terminar os estudos sem sofrer com o bullying por parte de seus colegas.

Por causa da sua história de vida, Lara e seus professores desenvolveram alguns projetos para combater o bullying nas escolas, através do seu TCC, contando a importância de trabalhar o respeito nas salas de aula. Isso fez com que muitos professores da rede pública começassem a abordar mais a questão do respeito às diferenças dentro das salas de aula. Foi batalhando muito que Lara conseguiu se tornar uma excelente profissional e uma grande autora.

Lucas: o justiceiro

Andressa Monteiro Torres

Priscele Iaparrá Teles

Em uma pequena cidade chamada Oiapoque, no Amapá, conhecida por suas paisagens verdes e pela comunidade unida, havia um jovem chamado Lucas. Desde pequeno, Lucas se destacou por sua inteligência e bondade. Ele passava horas ajudando os mais velhos da vizinhança e sempre estava disposto a ouvir os problemas de seus colegas. Trabalhando como assistente na escola local, sonhava em se tornar professor e inspirar as futuras gerações.

Numa manhã ensolarada, a diretora da escola, Dona Clara, convocou Lucas para uma conversa importante. Com um olhar preocupado, ela explicou que havia recebido uma proposta tentadora de uma grande empresa que queria fornecer material escolar para a instituição. A oferta incluía uma quantia significativa de dinheiro, suficiente para reformar as salas de aula e comprar novos livros.

No entanto, Dona Clara revelou que o material oferecido era de qualidade duvidosa e poderia prejudicar o aprendizado dos alunos. Lucas ficou pensativo ao ouvir a proposta. Ele admirava Dona Clara e sabia que ela sempre priorizava o bem-estar dos estudantes. No entanto, a ideia de ver a escola em melhores condições também era tentadora. Mas o que

realmente pesava em sua mente era a responsabilidade que tinham para com as crianças.

Decidido a entender melhor a situação, Lucas começou a conversar com seus colegas sobre a proposta da diretora. Ele organizou um debate na escola, em que todos puderam expressar suas opiniões sobre ética e moral. A sala estava cheia de alunos ansiosos para discutir o tema. Durante o debate, muitos alunos trouxeram diferentes perspectivas: alguns argumentavam que o dinheiro poderia ser usado para melhorias imediatas, enquanto outros defendiam que aceitar a oferta significaria comprometer os valores da escola.

Uma aluna chamada Sofia levantou-se e compartilhou sua experiência pessoal. Ela contou como um material de baixa qualidade havia afetado seu aprendizado em uma escola anterior. Suas palavras ressoaram entre os colegas, despertando um sentimento coletivo de preocupação sobre o futuro da educação na escola. Lucas também se lembrou das histórias que seus avós contavam sobre como valores éticos eram essenciais para construir uma sociedade justa. Ele decidiu que precisava fazer algo mais do que apenas debater, ele queria agir.

Após o debate, Lucas se aproximou de Dona Clara e sugeriu que eles organizassem uma reunião com os pais dos alunos e outros membros da comunidade para discutir a situação abertamente. A diretora concordou com entusiasmo, reconhecendo que envolver todos poderia trazer novas ideias e soluções. Na reunião, Lucas apresentou os argumentos levantados durante o debate na escola. Ele falou sobre a importância de priorizar a educação de qualidade em detrimento do dinheiro fácil. Os pais estavam envolvidos

e muitos compartilharam suas preocupações sobre como essa decisão poderia impactar o futuro dos filhos.

Após horas de discussão intensa, Dona Clara tomou coragem e decidiu recusar a oferta da empresa. Ela percebeu que o dinheiro não valia mais do que a integridade da escola e o futuro dos alunos. Essa decisão não foi fácil, ela sabia que enfrentaria desafios financeiros nos próximos meses, mas estava disposta a lutar pelo que era certo. A recusa à oferta se espalhou rapidamente pela cidade, gerando um efeito positivo inesperado. A comunidade começou a se mobilizar em torno da escola, pais e moradores começaram a organizar eventos para arrecadar fundos para ajudar na reforma das instalações e na compra de materiais de qualidade.

À medida que os eventos de arrecadação de fundos se tornavam mais frequentes, a comunidade de Oiapoque se uniu de maneiras que ninguém poderia imaginar. Festas, bazares e até maratonas foram organizados, trazendo não apenas recursos financeiros, mas também um espírito renovado de solidariedade. Lucas, com seu carisma e determinação, se tornou o rosto desses eventos, sempre incentivando seus colegas a participarem e contribuírem.

Com o tempo, a escola começou a receber doações não apenas em dinheiro, mas também em materiais e serviços. Empreendedores locais ofereceram suas habilidades para ajudar na reforma das instalações. Um artista da cidade se ofereceu para pintar murais inspiradores nas paredes da escola, transformando-a em um espaço vibrante e acolhedor.

Dona Clara, ao ver toda essa mobilização, sentiu uma onda de gratidão e esperança. Ela sabia que a decisão difícil que havia tomado estava valendo a pena. O que antes parecia

um desafio insuperável agora se transformava em uma oportunidade de crescimento e união.

A comunidade decidiu criar um comitê para acompanhar o desenvolvimento da escola e garantir que as decisões continuassem a refletir os valores éticos que haviam defendido. Lucas foi convidado a fazer parte desse comitê, onde pôde continuar a influenciar positivamente as diretrizes da escola e a promover debates sobre ética e cidadania.

Com o tempo, Oiapoque não só melhorou suas instalações escolares, mas também se tornou um modelo de educação ética para outras cidades. O exemplo de Dona Clara e Lucas inspirou outras escolas a priorizarem valores éticos em suas decisões.

Anos depois, quando Lucas já era um jovem adulto e estava prestes a ingressar na faculdade, ele foi convidado para dar uma palestra na escola onde tudo começou. Com emoção, ele compartilhou sua jornada e enfatizou que cada pequeno ato de coragem pode gerar ondas de mudança. A sala estava cheia de alunos ansiosos por ouvir suas palavras.

Ao final da palestra, Dona Clara estava na plateia, orgulhosa do impacto que ambos tiveram em sua comunidade. Ela sabia que o legado deles não era apenas sobre a escola ou sobre arrecadar fundos, era sobre cultivar uma cultura de ética e responsabilidade nas futuras gerações.

E assim, a história de Lucas e Dona Clara se perpetuou através dos anos, lembrando a todos em Oiapoque que é possível construir um futuro melhor quando se escolhe os valores certos.

Bruna e seu filho Tiago

Lizandra Aniká Forte

Ruan Sfair dos Santos

Em uma pequena casa morava Tiago, um adolescente, com sua mãe, Bruna. Eles viviam numa situação crítica, pois, com a perda do pai, tiveram que abandonar tudo e viver nas ruas. Um dia, passou uma moça que parou em frente à mãe do menino e lhe perguntou:

— Por que estão vivendo nessa situação?

A mãe respondeu: “eu não tenho nada, meu marido faleceu e fomos despejados por falta de pagamento do aluguel”. A mulher, vendo a situação, deu a eles 20 reais, e a mãe agradeceu.

Outro dia, a mesma moça foi até uma churrascaria, comprou duas marmitas e levou para Bruna e seu filho. De longe, Bruna avistou a moça vindo em sua direção e, com alegria, falou: “filho, lá vem a moça que nos ajudou no outro dia”. Tiago respondeu: “verdade, mãe, será que ela vai nos ajudar de novo?”.

A moça entregou-lhes as marmitas e uma garrafinha de água, sentou-se ao lado deles e começou a conversar sobre a vida. Ela se apresentou pelo nome Maria Clara, dizendo que morava sozinha e não tinha filhos, e que seu esposo tinha falecido há dois anos.

Ao ouvir Maria Clara, Bruna pegou seu filho e começou a chorar. Maria, sem entender nada, olhou para Bruna e perguntou:

— Por que estais chorando?

Bruna falou: “Sua história é bem parecida com a minha, antes a gente tinha tudo, mas hoje, com a perda do meu marido, não temos nada, não temos onde morar, sem teto, sem dinheiro, sem nada”.

Maria, com o olhar em lágrimas, falou: “vou ajudar vocês, venham!”. Maria levou os dois para sua casa, deu comida e perguntou a Bruna se o filho frequentava a escola, e Bruna informou que sim, mas tinha se afastado da escola pelas condições de rua. Maria matriculou o menino numa escola bem próxima da casa. Bruna ficou muito feliz ao ver seu filho voltando a estudar.

Bruna, aos poucos, foi voltando com a sua autoestima e conseguiu emprego de doméstica. Com o dinheiro, comprava roupas para seu filho e ajudava na despesa da casa de Maria. Quando maior de idade, Tiago se formou em medicina, tornando-se um grande médico. Casou-se, teve filhos e pôde dar uma vida às suas mães, que o criaram com tanto amor.

Um pajé na sua comunidade

Jardilene Monteiro Narciso

Era uma tarde nublada, o tempo estava chuvoso, o pajé, que se chamava José Andrade, decidiu sair para pescar nos lagos da floresta que ficava perto da sua comunidade. José era um homem com muita experiência sobre pesca, e naquela tarde, mesmo com o tempo nublado e chuvoso, sentiu uma sensação muito forte, como se a floresta estivesse chamando por ele. Assim, mesmo com chuva, ele saiu para ir pescar, pois tinha que trazer algum alimento para a família.

O pajé sempre acreditou que esse destino de pescaria era uma forma de conexão com a natureza. No entanto, ele começou questionando suas práticas. O que significava mesmo pescar? Com essa questão no pensamento dele, foi caminhando pelo mato, nas trilhas cobertas de folhas secas.

Depois, ao passar algumas horas, ele parou em um lago pequeno para começar a pescar. Como, passados alguns minutos, não havia sinal de peixe no local, ele saiu e seguiu para outro lago. Lá ele avistou um monte de peixes passando, como se estivessem passeando sobre a luz do sol. Era a oportunidade perfeita, mas ele parou para observar como os peixes estavam tão tranquilos nadando juntos e pensou na sua felicidade dentro desse lago.



Em seguida, ele lembrou de umas histórias antigas que escutara sobre a importância de respeitar os seres vivos na natureza, e questionou se pescar seria uma responsabilidade e não um direito.

E continuou com seus questionamentos e reflexões, mas ele estava no mato, pescando por necessidade, para sustentar a família e sua esposa idosa. Ele também era idoso, mas sempre foi um homem que gostava muito de pescar. Enquanto ele refletia, as horas se passaram, e ele nem percebeu que tinha se perdido na floresta. Depois disso, ele se perguntou: “onde estou mesmo?”.

A chuva estava cada vez mais forte, e a escuridão começou a cair. A família do idoso pajé começou a se preocupar, procurando por ele desesperadamente na estrada perto da comunidade.

Percebendo que estava perdido na escuridão, José não entrou em pânico, pois estava refletindo sobre o respeito à vida ao seu redor e isso lhe trouxe muita satisfação.

Enquanto ele caminhava procurando o caminho de volta, encontrou um grupo de porcos vindo em sua direção, no escuro. Ele gritou, mas ninguém ouviu. Tentou subir numa árvore, mas caiu na água. Então, dando risadas, ironizou que “agora ia dormir quente em sua cama”, levantou-se e tentou subir novamente. Passou essa noite no mato, dormindo em cima de uma árvore, enquanto a família estava desesperada, chorando e clamando, por orações, para que nada acontecesse com o pajé.

O dia amanheceu muito frio, José estava fraco, pois passou a tarde e a noite sem se alimentar. Ao acordar, ele chorou, emocionado, se perguntando o que estava fazendo pra acontecer isso com ele?

Às 10 horas da manhã a família o encontrou perto da estrada, ele estava saindo do mato como se fosse uma pessoa de porre, e no final ele não estava tão longe da aldeia para se perder, mas por ser idoso, não conseguiu sair do mato. E a família o levou para casa.

A experiência que aprendeu no mato não foi apenas sobre se perder fisicamente, foi uma jornada tão importante que o fez repensar sobre suas convicções de pescar e aprender a respeitar.

Porém, ao chegar em casa questionou a si mesmo, chorou emocionado e disse para a família que nunca mais pescaria sem refletir.

Organizador

Luiz Eduardo Paulino da Silva

Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (Proped) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática (PPGECM) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), especialista em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), especialista em Educação e Novas Tecnologias pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), especialista em Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja) pela Universidade Federal da Paraíba, especialista em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade de Educação São Luís, FESL. Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Licenciatura em Arte pelo Centro Universitário FAVENI. Professor Assistente da Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional, Oiapoque, lecionando as disciplinas História da Educação, Educação e Complexidade, Ensino de Ciências, e outras. Pesquisa sobre memória e formação docente, é líder do grupo de pesquisa, LEME – Leitura e Memória: grupos sociais e diversidade, com ênfase em diversos campos da memória, educação indígena, formação de professores, idosos e outros. E-mail: lepscat@gmail.com



Prefaciador

Edilson Alves de Souza

Doutor (2021) e mestre (2014) em Letras e Linguística (concentração em Estudos Literários) pela Universidade Federal de Goiás (UFG) - Campus Goiânia; especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Campos Elíseos, especialista em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa pelo Centro Universitário Barão de Mauá; e graduado em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Campos Belos. Atualmente, é professor de Teoria Literária e Literaturas em Língua Portuguesa no curso de Letras Francês da Universidade Federal do Amapá (Campus Binacional/Oiapoque). Também faz parte do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa/GEPELLP (Cnpq/UEG) e do Grupo de Pesquisa: Estudos sobre a narrativa brasileira contemporânea (CNPq/UFG). Em seus estudos acadêmicos, tem atuado na área de Literatura e Teoria Literária, dando ênfase nos seguintes temas: Bestiário Medieval e Sete Pecados Capitais; Literatura infantil/juvenil; Narrativas feéricas; Narrativa contemporânea; leitor e leitura; e Narrativa Metaficcional. E-mail: edilson.paceros@hotmail.com

Autores

Alcione dos Santos Faria

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.
E-mail: fariaalcione129@gmail.com

Alice Moraes Beserra

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.
E-mail: beserraa649@gmail.com

Amanda Severa Pinheiro Araújo

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.
E-mail: amandasevera360@gmail.com

Analone Nara Henrique Nunes

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.
E-mail: analone20@gmail.com



Andressa Monteiro Torres

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.

E-mail: andressatorresanja@gmail.com

Carla Silva Malaquias

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.

E-mail: sylva.malaquias13@gmail.com

Carlison Silva Malaquias

Graduando em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.

E-mail: carlisonmalaquias2018@gmail.com

Daiane Silva Nunes

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.

E-mail: daianesilva200322@gmail.com

Dalmo Alexandre dos Santos

Graduando em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.

E-mail: dalmoalexandredossantos@gmail.com



Deusanete Azevedo dos Santos

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.

E-mail: azevedodeusanete7@gmail.com

Emerson Pastana Policarpo

Graduando em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.

E-mail: emersonpastana19@gmail.com

Franci Mila de Caldas

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.

E-mail: Francimiladecaldasdasilva0111@gmail.com

Francisca Maciene da Cunha Gomes

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.

E-mail: macienegomesap@gmail.com

Gabryel Cardoso Pavão

Graduando em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.

E-mail: pavaogabryel@gmail.com



Hallem Lucas dos Santos Moraes

Graduando em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.
E-mail: lucashallem5@gmail.com

Idenilson dos Santos Silva

Graduando em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.
E-mail: silvaidenilson825@gmail.com

Jennyfer Luzia Oliveira Rodrigues

Concluinte do Ensino Médio na Escola Estadual Joaquim Nabuco. Oiapoque, AP, BR.
E-mail: pavaogabryel@gmail.com

Jonielson Anika Forte

Graduando em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.
E-mail: jonielsonanika@hotmail.com

Juliane dos Santos Oliveira

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.
E-mail: ts347098@gmail.com



Lizandra Aniká Forte

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.
E-mail: anikalizandra@gmail.com

Luan Corrêa Leal

Graduando em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.
E-mail: lealluan1999@gmail.com

Luane dos Santos Silva

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.
E-mail: luannyrbkw@gmail.com

Macrivane Alexandre Henrique

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.
E-mail: macrialexandremacri@gmail.com

Maely dos Santos Santana

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.
E-mail: maelysantanamaelysantana@gmail.com



Mara dos Santos Aniká

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.

E-mail: mariaanika743@gmail.com

Michela do Socorro Farias de Souza

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.

E-mail: michelafarias23@gmail.com

Milena de Sales Chaves Sena

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.

E-mail: milenasales2024@icloud.com

Priscele Iaparrá Teles

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.

E-mail: prisceleiaparrateles@gmail.com

Rian dos Santos Faria

Graduando em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.

E-mail: riand6008@gmail.com



Ruan Sfair dos Santos

Graduando em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.

E-mail: ruansfair478@gmail.com

Sayonara Nunes Monteiro

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá/Unifap, *Campus Binacional*, Oiapoque, AP, BR.

E-mail: sayonaranunes2020@gmail.com



Pedagogia em Contos reúne narrativas nascidas de uma experiência formativa na disciplina Ética e Educação, do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Campus Binacional de Oiapoque. Entre contos, reflexões e fábulas, a obra apresenta histórias inspiradas em situações reais e fictícias, atravessadas por escolhas, conflitos, afetos e diferentes experiências humanas.

Ao aproximar literatura e educação, as narrativas convidam o leitor a refletir sobre ética, moral e nossas formas de agir e conviver em sociedade.

Publicada pela Editora IFPB, esta coletânea faz da escrita um espaço de formação, sensibilidade e reflexão, mostrando que as histórias também podem nos ensinar a olhar para nós mesmos e para o outro.



editora**IFPB**